

RUBEM BRAGA

Um Professor de Inflação

O TÍTULO é convidativo: «A inflação ao alcance de todos», a editora é a conhecida Emecé de Buenos Aires e o autor se esconde sob o pseudônimo de G. A. Pastor.

Mande buscar e leia, dr. Lucas Lopes; mande buscar dois exemplares e remeta um para o dr. Alkmim lá em Minas se divertir.

O livro é dedicado «tanto aos que roubam — os governantes inflacionistas — como aos roubados: os pobres possuidores do dinheiro depreciado». E «pretende ensinar aos primeiros a melhor maneira de despojar os outros, ensinando ao mesmo tempo a estes últimos a utilizar os melhores meios de que possam dispor em defesa própria».

Oh, vós todos que tendes 30 mil, 100 mil, 400 mil cruzeiros depositados em um banco, lêde, lêde, que é de bom aviso.

O autor oferece conselhos para criar a inflação, para defender-se dela e para aproveitá-la proveitosamente. O autor não é socialista; é um homem de negócios e, por sinal (eu o conheço), rico. Muitos o considerarão um tanto cínico. Critica, por exemplo, a escala móvel de salários, que os reajusta periódica e automaticamente ao custo de vida: «Ela dá, tanto ao empregador como ao empregado, o sentimento de irresponsabilidade que permite que o primeiro se desinteresse do preço de custo e o segundo da produtividade; conduz forçosamente à elevação geral dos preços e dos salários, porque se trata de uma escala em sentido único: como certos elevadores de Paris, não serve para descer».

Fornece aos ministros da Fazenda interessados todos os belos argumentos teóricos de que já se lançou mão para continuar emitindo, e até frases de efeito, e afirma que «suspender a inflação não apresenta problemas teóricos, como em medicina, o fato de suspender o álcool ao alcoólatra ou o fumo ao fumante não apresenta problema científico. O problema se resolve simplesmente como reduzir as emissões de meios de pagamento aos seus limites normais».

Mas avisa:

«Mas assim como os alcoólatras e os fumantes em geral não querem ser curados de seu vício e opõem toda a resistência possível aos esforços dos médicos, assim também os esforços coligados dos empregados, dos especuladores e dos industriais se opõem, em geral, à suspensão da inflação. Muitos dêles, com efeito, ou em todo caso seus dirigentes, se adaptaram à moeda má, e encontraram nela fontes de aproveitamento, pelo menos aparentes, e só querem continuar».

Entre os «meios para defender-se da inflação» que dá aos que têm dinheiro o primeiro é simplesmente... fugir. «Aos primeiros indícios de inflação o dinheiro deve ser enviado imediatamente para o estrangeiro»; aconselha a Suíça, a Bélgica, os Estados Unidos.

E adverte, aí de nós: «nenhuma colocação em um país de moeda depreciada, qualquer que seja seu rendimento aparente, vale a posse de moeda forte». E mais: «durante a inflação nunca é demasiado tarde para comprar divisas e nunca se deve dizer: a este preço o dólar não sobe mais...». Lembra que há um momento em que «corre o rumor de que a moeda nacional vai ser desvalorizada. Esse momento se reconhece facilmente: êle chega quando os militares e os eclesiásticos se detêm a ler as informações financeiras e consultam os bancos sobre a cotação de divisas. Nesse momento o ministro sobe à tribuna (nos países ditatoriais o governo dá um comunicado) e declara que o governo jamais permitirá a depreciação da moeda, que jamais procederá a uma desvalorização, que nosso grande país, fiel às suas tradições, etc... E' a badalada, o último sinal».

Geralmente a reforma vem dentro de três meses, e o governo anuncia as novas taxas de câmbio oficial.

Acho que vale a pena voltar a falar desse livrinho.